



14º congresso abramge
5º congresso sinog
•2•0•0•9•

O Novo Cenário Econômico na Área da Saúde

José Cechin

Agenda

- Crise e novo cenário econômico
- A travessia do Atlântico
- Saúde na Crise
- Planos de saúde
- Novo cenário – Governo e saúde

Crise e novo cenário

Novo cenário?

- Novo cenário como resultado da mais profunda crise pós grande depressão
- Passados três trimestre – qual a avaliação?
- Crise está superada? V U L ou W?
- Mundo e BRICs - que legado nos deixa?
- Novo cenário econômico?
- Qual o cenário na saúde?

Origens da crise

- Iniciada no mercado financeiro nos US
- Ambiente de excesso de liquidez, juros baixos, inflação controlada, crescimento intenso e prolongado, política habitacional (casa para todos) produziram onda de valorização de ativos e imóveis o que estimulou as IF americanas a concederem crédito excessivo, inclusive a tomadores sem capacidade de pagamento (NINJAs).

Mecanismo

- A exuberância desse mercado levou ao empacotamento de títulos hipotecários depois securitizados
- Vendidos para captar funding que realimentava o crédito.
- Essas operações não encontravam limites regulatórios
- A onda de euforia mascarava os riscos -
Errônea percepção pois é calculado pela média histórica (baixa em épocas prolongadas de exuberância econômica)

Fim do ciclo

- O ciclo de euforia terminou quando os preços começaram a cair
- Mutuários ficaram inadimplentes, arrastando para a insolvência Instituições Financeiras seculares, até então consideradas sólidas

Risco sistêmico

- Marco - quebra do Lehman Brothers
- Cessaçãõ abrupta do crédito
- Queda do valor dos ativos – bolsas de valores
- Paralisia do consumo, produção, comércio internacional
- Empresas ao redor do Mundo carregados com ativos subprime.
- Queda na atividade econômica e desemprego
- Retorno de aplicações no exterior – câmbio

Consequências

- Estagnação - recessão prolongada
 - queda do PIB: EUA, UE, Japão
 - Desemprego
 - 17% na Espanha,
 - dobrou nos EUA – de 4,4 jan/07 para 9,5% jun09
 - ameaça de deflação
- Reações
 - Socorro de Governos
 - Injeções trilionárias de recursos
 - Compra de ativos hipotecários
 - Compra de participações acionárias

Reações

- Baixa dos juros para reativar crédito, reanimar consumo e sustentar atividade (perto de zero)
- Ampliação do gastos estatais, especialmente investimentos, para sustentar demanda – ampliação do déficit orçamentário
- Estatização e protecionismo?
- Efeitos futuros do déficit orçamentário?

A travessia do Atlântico

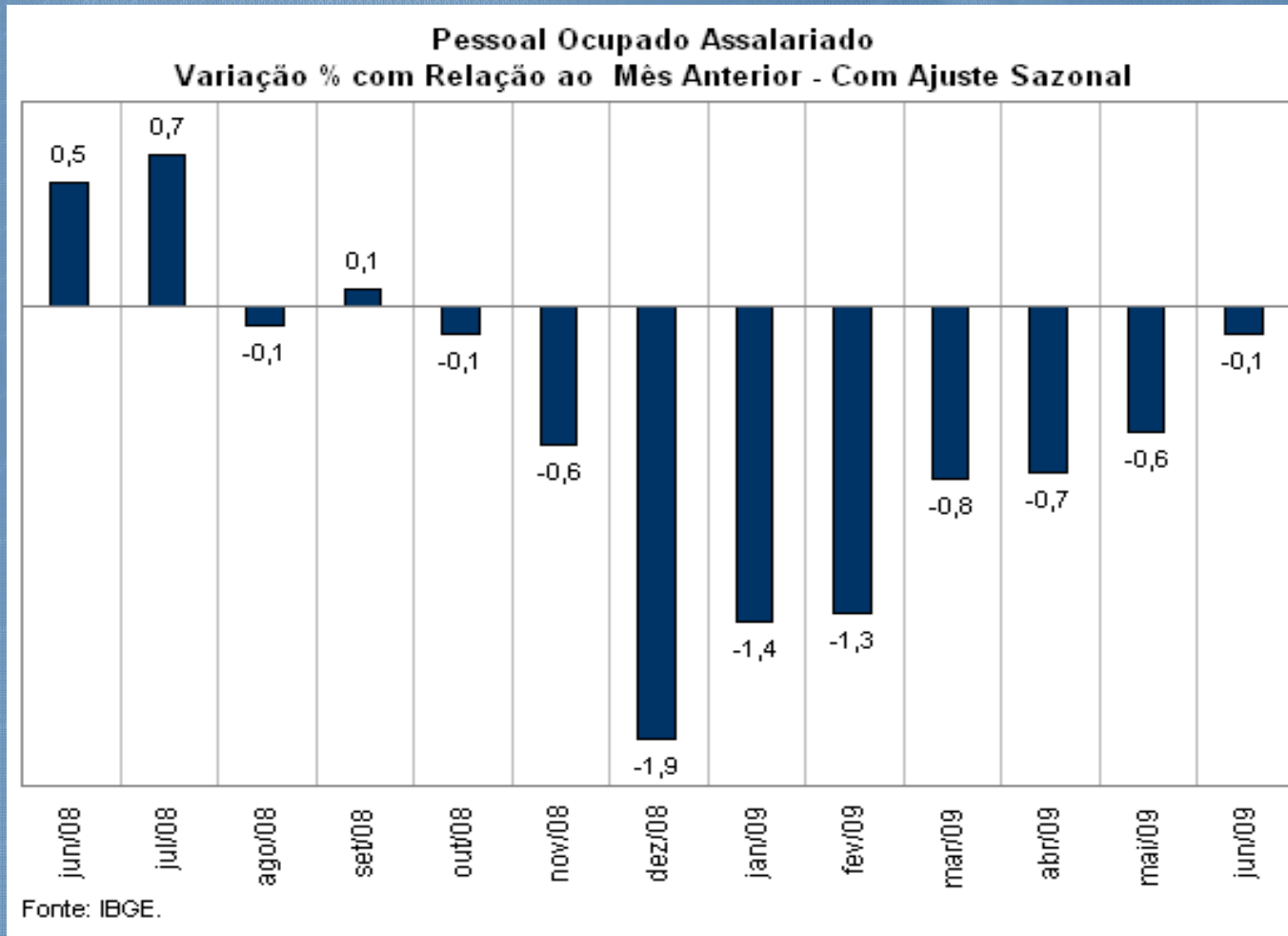
A travessia do Atlântico

- A cessação abrupta do crédito, a estagnação econômica, a paralisação do comércio internacional, a reversão dos fluxos de capitais fizeram a crise atravessar o oceano

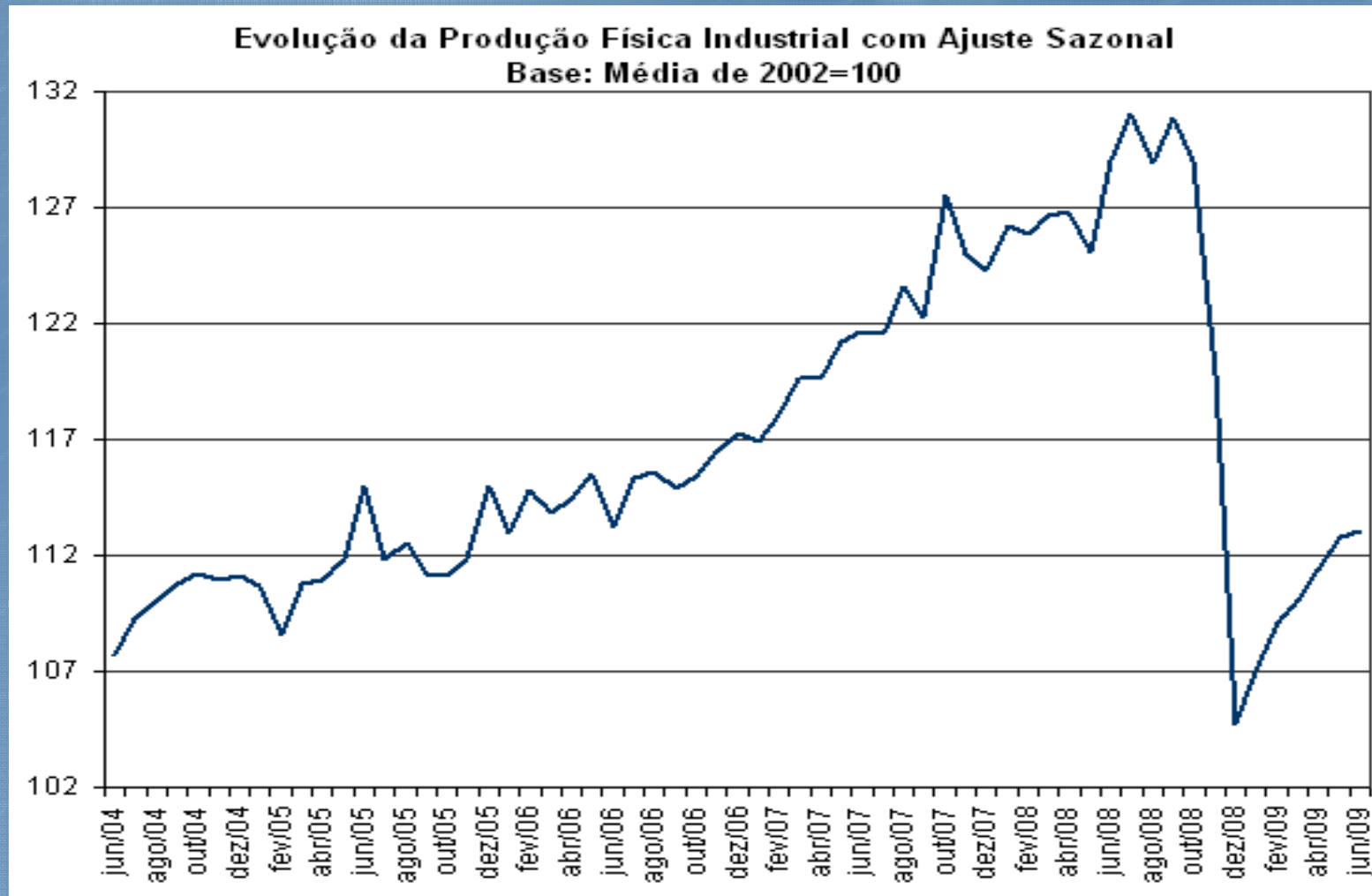
Tsunami no Brasil

- Chegou como um tsunami 4º trimestre 2008
 - PIB: (3,6%)
 - Produção industrial: (20%)
 - Demissões: 700 mil
- Primeiro semestre de 2009 / 2008
 - Produção industrial: (13,4%)
 - Emprego industrial: (5,1%)
 - Horas pagas: (5,8%)
 - Folha real: (1,0%)
 - Folha real per capita: 4,3%
- Queda do PIB em 2009

Emprego industrial - variação mensal



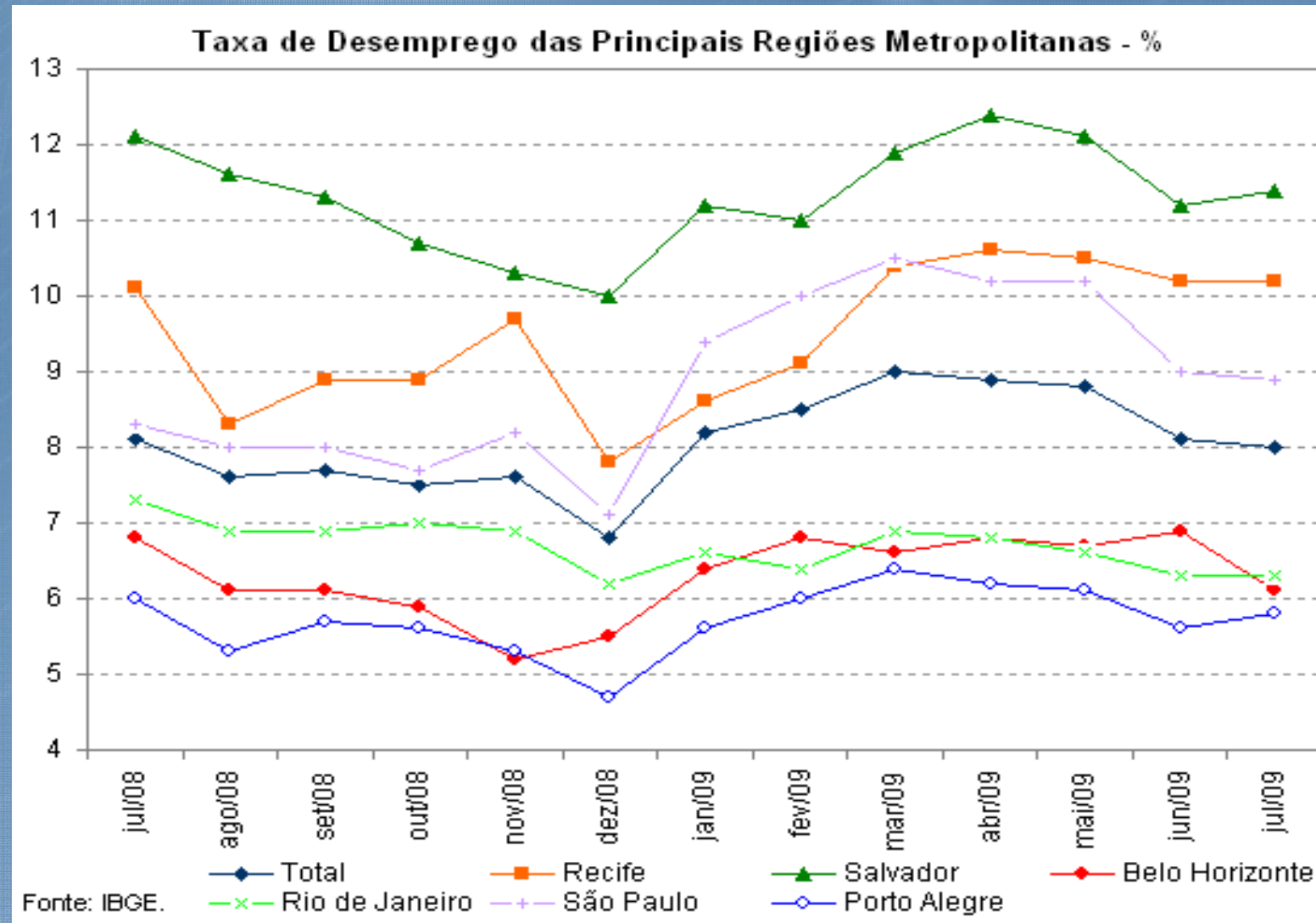
Produção industrial



Desemprego

- Índice caiu após maio
junho 2008: 7,9%
maio 2009: 8,8% e
junho 2009: 8,1%
julho 2009: 8,0%
- Mas por efeito desalento
PEA Junho 2008: 23,3 milhões
PEA Junho 2009: 23,0 milhões
PEA julho 2009: 23,2 milhões (0,7%)
- Seguro desemprego
jan-jun 2009/08: 41%

Taxa de Desemprego



Saúde na Crise

Saúde na crise

- Crise não é amiga da saúde
 - stress – infartos, stents, check ups
 - problemas mentais
 - imunidade - reanimação de doenças
 - busca maior de assistência
- Exemplos

Saúde na crise

- Coréia do Sul (crise de 1990):
 - Aumento acentuado do suicídio
- Rússia (pós-colapso da URSS):
 - Queda abrupta da expectativa de vida
 - Voltou a cair na crise de 1998
- Inglaterra (décadas de 70-80):
 - Taxa de mortalidade 20-25% maior entre desempregados, comparados a empregadas do mesmo grupo socioeconômico

Saúde na crise - econômica

- Receitas das Operadoras perderam ritmo
 - Crescimento econômico lento
 - Desemprego, menores reajustes salariais
 - Rotatividade com menores salários
- Despesas aumentam
 - limitado pelas rendas menores
 - queda da demanda em hospitais

Saúde na crise - econômica

- Desvalorização cambial – 43% (ago-out/2008)
 - Encarece importados – 40% dos medicamentos e insumos hospitalares
- Aumenta a sinistralidade
- Empregadores têm maiores dificuldades financeiras e endurecem negociações

Taxa de câmbio R\$/US\$



Planos de saúde

Atitudes diante da incerteza de emprego

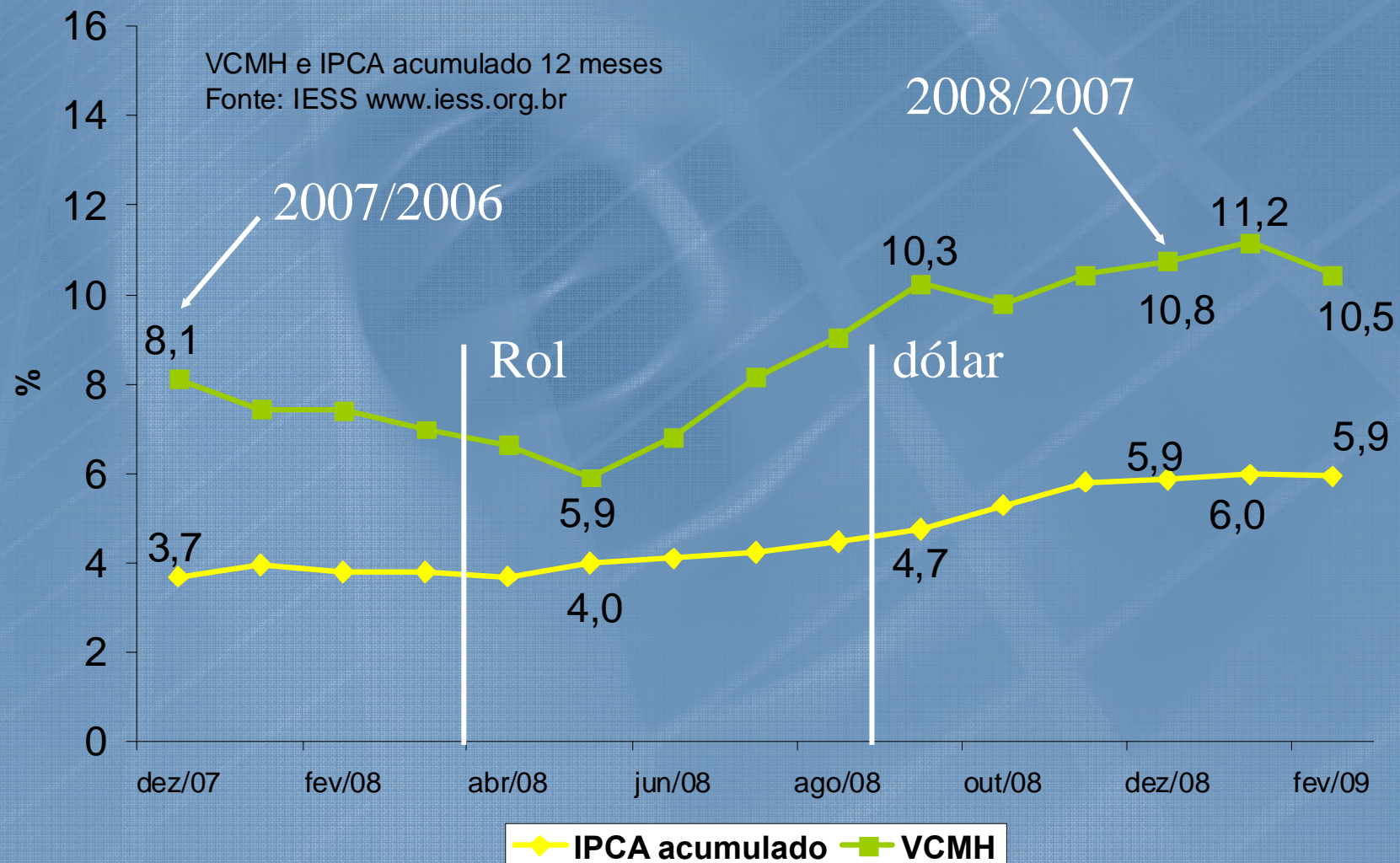
- Impactos conflitantes nas crises:
 - piora da saúde leva à maior utilização dos serviços,
 - sobretudo se não há co-participação, mas
 - perda de renda freia esse crescimento
- Beneficiários, por medo de perderem emprego e plano, antecipam gastos
- Resultado nos hospitais:
 - aumenta fluxo nas regiões com muitos beneficiários
 - diminui nas outras
 - aumenta fluxo de pacientes sem condições de pagar

Atitudes diante da incerteza de emprego

O cobertor que já era curto ficou mais curto ainda para todos

- Prestadores procuram manter nível de renda aumentando tempo de internação, número de exames e contas mais altas
- Empresas buscam renegociar contratos com redução de preço
- Busca em sentido oposto pelas OPS
- Consumidores: sentem maior necessidade de ter plano mas têm rendas menores para adquiri-lo

Atitudes diante da incerteza de emprego



Atitudes diante da incerteza de emprego

	Variação 2007/2006 %			Variação 2008/2007 %			2008
	Freq.	Custo médio	Prêmio de risco	Freq.	Custo médio	Prêmio de risco	Pesos %
Consultas	-1,7	12,0	10,0	4,2	9,0	13,5	9
Exames	2,1	3,3	5,5	7,5	0,9	8,5	18
Terapias	4,7	3,8	8,6	15,1	-1,8	13,1	5
OSA	1,1	17,8	19,1	11,7	7,7	20,3	8
Internação	0,9	6,55	7,5	11,7	-1,5	10,0	60

Crises nos US - Impactos nas OPS

EUA - Desemprego e Gastos das Operadoras						
Item	1981-1982		1990-1991		2001-2002	
	de	para	de	para	de	para
% Aumento Desemprego	7,6%	9,7%	5,6%	6,8%	4,0%	5,8%
Aumento Gasto Operadoras	15,3%		8,9%		10,9%	

Crise atual: de 4,4% para 9,5% Jun09

■ Reações:

- 1980' - negociação de descontos por maiores volumes
- 1990' - generalização do Managed Care - DMO
- 2000' - transferências a consumidores por co-participação

Ações possíveis nas crises

- Controlar o Sobre-Uso - desperdício
- Acompanhar aumentos de preço dos prestadores e renegociar contratos
- Manter solidez financeira e dar publicidade
- Monitorar utilização - doenças e tratamentos de alto custo
- Melhorar auditoria das contas médicas
- Redesenhar planos para promover saúde
- Incentivar busca de prestadores de menor custo
- Educar consumidor a consumir melhor cuidados médicos
- Adotar planos com co-participação

Despesa das Operadoras

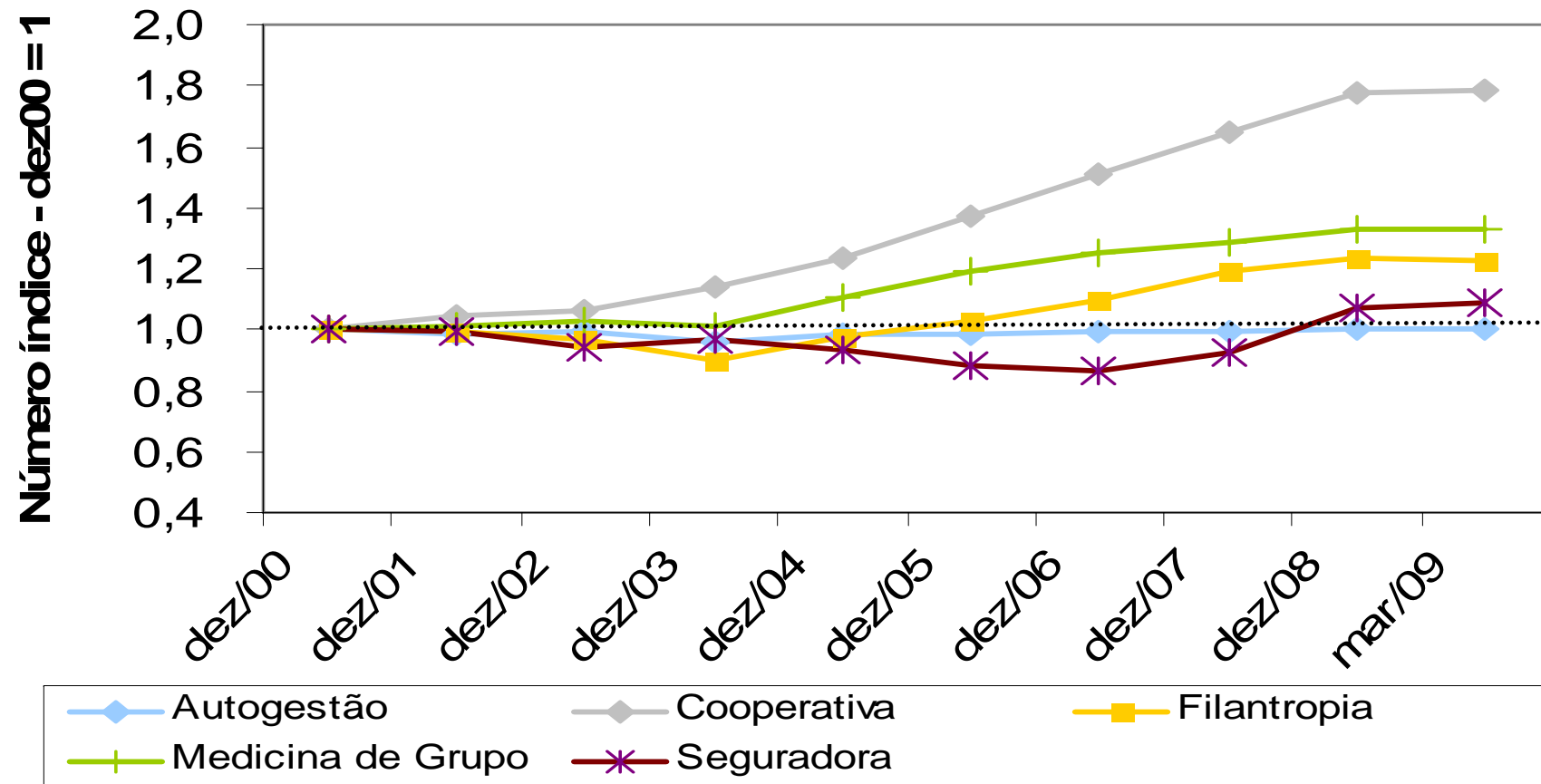
Despesa das Operadoras de Planos de Saúde - 2008

Modalidade	Total	Assistencial	Administrativa
Médico-hospitalar	56.473	46.664	9.808
Odontológica	938	556	382
Total	57.411	47.220	10.190

R\$ bilhões

Beneficiários (número índice)

Gráfico 2. Crescimento de beneficiários por modalidade de OPS - dez/00 = 1



Fonte: Caderno de Informações. ANS jun/2009

Efeitos da crise nos planos de saúde

Frada no ritmo de crescimento do número de beneficiários

	I II e III 2008	IV 2008	I 2009
Coletivos	2,20	1,63	0,50
Individuais	(0,00)	(0,07)	(0,05)
Total	1,50	1,08%	0,28%

**Freada nos investimentos,
nas aquisições e fusões, nos IPO's e
nas entradas de capitais externos**

Novo cenário

Governo e saúde

Medidas do Governo

Governo agiu na direção certa

- Usou reservas para irrigar câmbio
 - Vendeu dólares e concedeu crédito a exportadores
- Flexibilizou compulsórios, aumentou liquidez, reduziu juros
- MP autorizou Bancos oficiais a adquirirem bancos
- Flexibilizou tributação para bancos (superávit EFPC)
- Reduziu IPI de veículos e aliviou tributos marginalmente: aumentou prazo, reduziu IR e IOF
- Bancos saudáveis por conta do PROER e PROES

Brasil x outros

- Ênfase na estabilização (crescimento menor juros maiores)
- Beneficiado pelo boom das commodities
- Sem dívida externa, sem ameaça de crise cambial
- Nem de inflação ou, o que é pior, deflação
- Contas externas e internas ainda em ordem
- Desvalorização sem inflação - preço commodities

Brasil sai da crise em melhores condições do que outros
Setor de saúde atrairá investimentos externos

União – primeiro semestre 2009/2008

Perda de Arrecadação (nominal)

- Tesouro sem Previdência: **(6,6% ou 6,9% julho)**

Aumento de gasto público

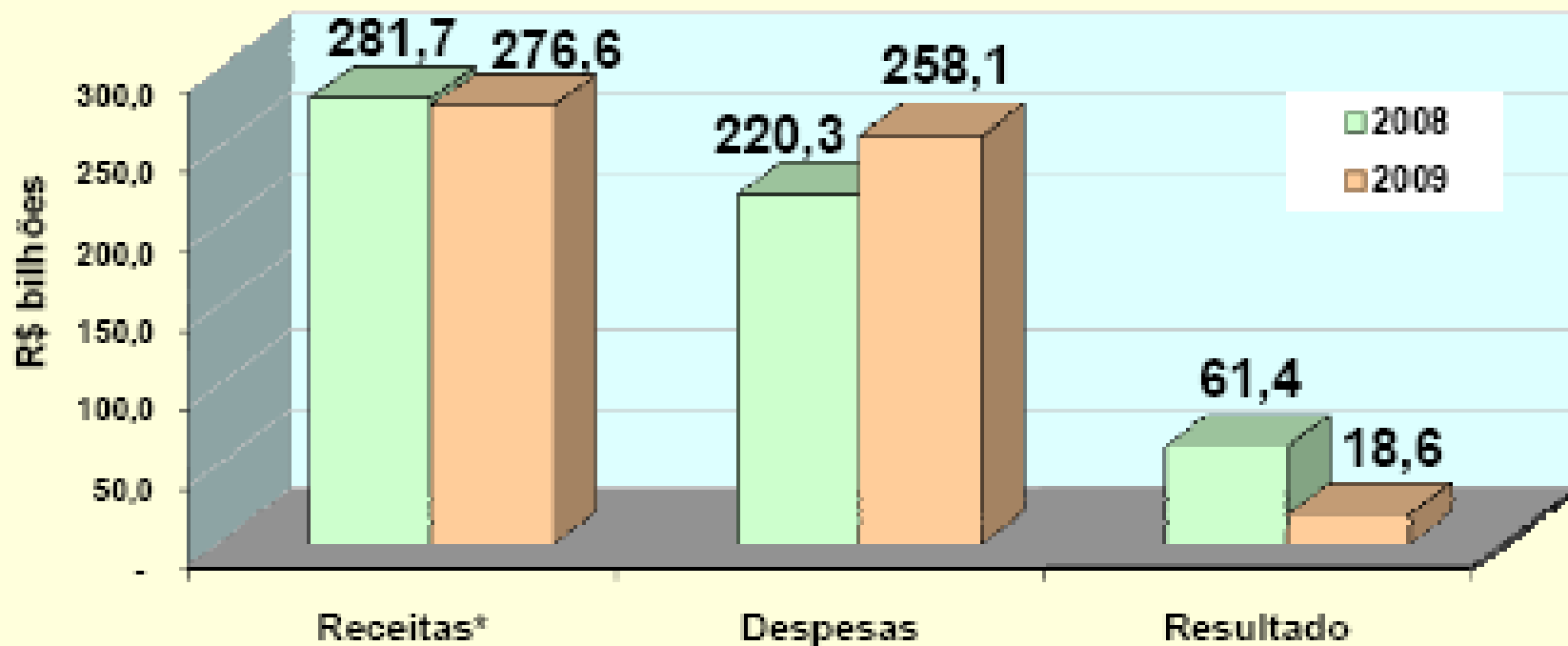
- Em custeio em vez de nos investimentos

■ Pessoal:	12,5 bilhões	21,0%
■ INSS:	11,6 bilhões	12,6%
■ Custeio:	13,2 bilhões	19,5%
■ Capital:	2,2 bilhões	21,8% (9,9 a 12,0 bi)

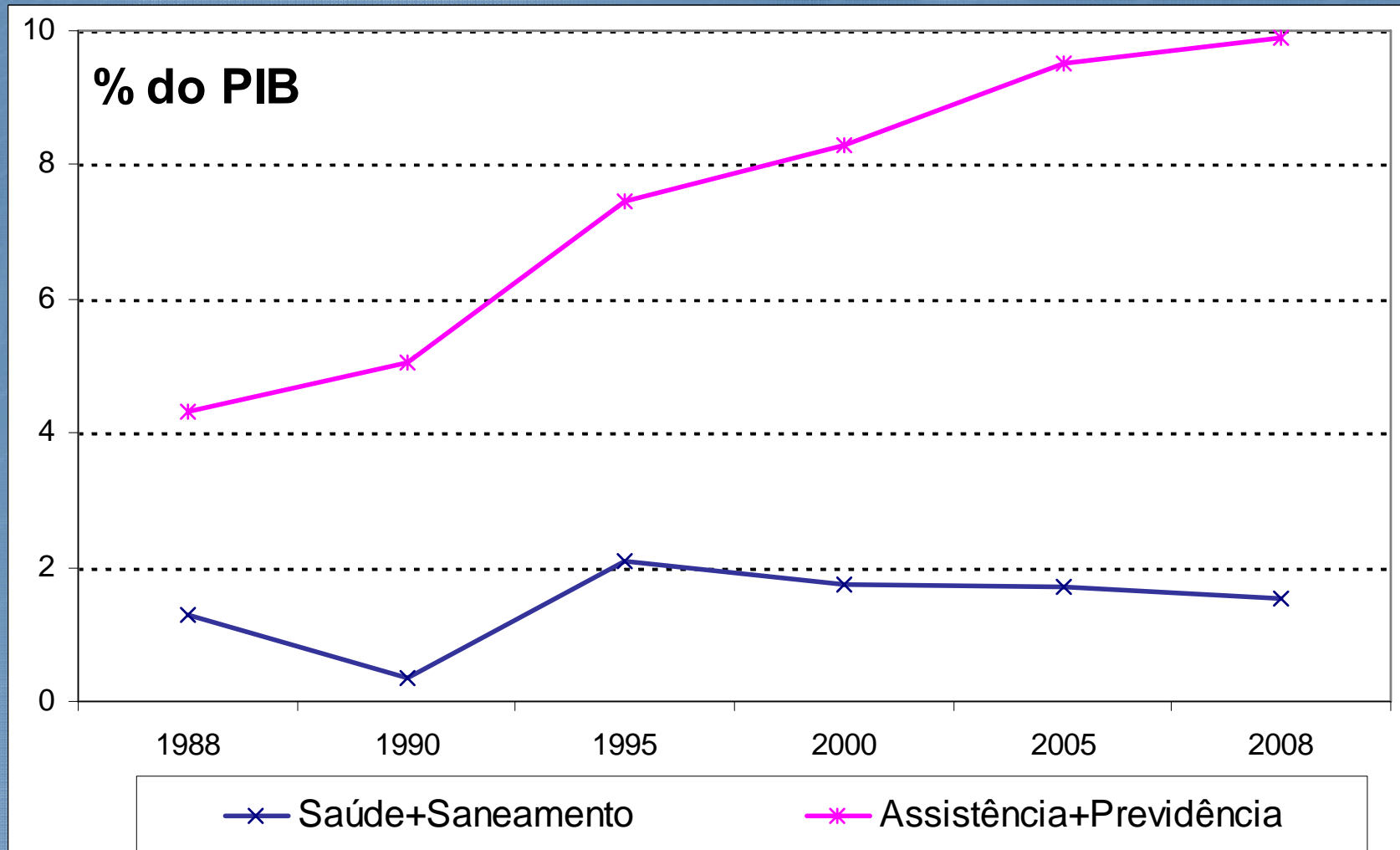
Consumiu o superávit

União: receitas e despesas

RECEITAS, DESPESAS E RESULTADO DO GOVERNO CENTRAL
BRASIL, JAN-JUN (R\$ bilhões)



União: Previdência e Saúde nas despesas



União: Receita líquida total

Receita líquida total da União (R\$ bilhões)

2007	2008	Δ	$\Delta\%$
513,3	583,5	70,2	13,7%

CPMF em 2007 = R\$ 40 bilhões

União: despesas não financeiras

	2008	Part.	2008/07
Receitas	583,5		13,7
Primário	71,4		
Fundo soberano	14,2		
Despesas	497,9	100	9,3
Pag.+ transf. pessoas	382,1	76,7	10,8
Folha (inclui inativos)	130,8	26,3	10,5
INSS	199,5	40,1	7,7
RMV+LOAS+B. Família	29,2	5,9	25,9
FAT - Desemprego abono	22,6	4,5	25,6
Custeio e capital	115,8	23,3	4,8
Saúde	48,5	9,7	6,1

Saúde pública e privada - tendências

- Sinergias versus oposição
- Capacidade financeira do Governo
- Renúncia fiscal – forma barata de o Governo adquirir serviços de saúde
- Movimento pela qualidade – value for money
- Consolidação de OPS – caminho da maturidade
- Reação de prestadores?

Saúde pública e privada - tendências

União: Variação PIB e despesa não financeira - 1995-2008

	Nominal %	Real %
PIB	409,5	146,3
Saúde e Saneamento	298,4	89,2
Assistência e Previdência	543,4	162,5
OGU despesa não financeira	594,2	177,6

Fontes: Execução Financeira do Tesouro Nacional e Banco Central

José Cechin

SP 28 agosto 2009

INSTITUTO DE ESTUDOS DE SAÚDE SUPLEMENTAR

jcechin@iess.org.br

www.iess.org.br

55 11 3706.9747